

*IN MEMORIAM*  
**Prof. Dr. Roberto Garcia**  
**1966–2020**

O Prof. Roberto Garcia foi editor da Psicologia Revista no período de 2018 a 2020. Professor dedicado, não faltava às reuniões e sempre chegava no horário – com seu sorriso um tanto tímido –, se destacando pelo seu entusiasmo e por sua enorme capacidade de trabalho, sem se importar em ajudar qualquer que fosse a tarefa editorial. Foi editor responsável por diversos artigos durante esse período, mesmo que alguns destes não fossem exatamente de sua área (como na edição especial sobre Psicologia do Esporte). Isso não importava. Roberto trazia a sua experiência com outras revistas e tinha grande bagagem acumulada dentro do processo de revisão por pares. Basta ver o seu currículo para encontrar publicações suas em periódicos nacionais e internacionais, participação como autor em capítulo de livro e nos inúmeros congressos e cursos de que participou. Procurava sempre se atualizar e se aprofundar em sua área da Psicologia: a Psicologia Clínica. Em destaque, nos cabe ressaltar o prêmio que ganhou em 2017 da Associação Paulista de Psicologia por sua tese de doutorado, sob orientação da Profa. Dra. Denise Ramos, intitulada: “Fatores envolvidos nos comportamentos de omissão circunstancial e de recusa do uso do preservativo em Homens que fazem sexo com Homens”. A passagem do Prof. Roberto na Psicologia Revista, sempre alegre, nos marcou e ficará registrada nos números em que participou e nas memórias de nossas reuniões. Por conta disso, esse número da Psicologia Revista é dedicado *in memoriam* ao nosso amigo Roberto Garcia. A seguir, alguns depoimentos de colegas que trabalhavam com o Prof. Roberto na PUC-SP.

*Equipe Editorial da Psicologia Revista*

*Marilda Pierro de Oliveira Ribeiro, Laura Marques Castelhana, Marcelo Camargo Batistuzzo, Flavia Arantes Hime, Guilherme Scandiucci, Marcia Almeida Batista, Maria Cristina Dancham Simões, Maria Cristina Pinto Gattai, Pedro Ambra, Ricardo Bueno*

Roberto Garcia, aluno brilhante, atento e cooperativo. Sentado sempre na frente, participava ativamente cooperando com leituras e questionamento. Sua presença foi fundamental na organização dos eventos do Núcleo de Estudos Avançados de Psicossomática. Tinha uma meta objetiva- formar-se doutor e pesquisador. Em pouco tempo, realizou duas grandes pesquisas de cunho social. Sua tese de doutorado foi premiada pela Academia Paulista de Psicologia. Seu sonho era divulgar conhecimento. Feito concurso, tornou-se professor da Graduação e da Pós graduação em Psicologia Clínica. Assumiu vários cargos e disciplinas, rapidamente conquistou seu espaço. Os alunos o seguiam. Sua personalidade carismática e seu conhecimento os atraíam. Um dia vi um grupo de 12 o seguindo – todos queriam fazer iniciação científica com ele. Seus cursos e pesquisas tinham sempre um objetivo social: trazer à tona preconceitos escondidos e desenvolver programas de atendimento, organizando o Centro de Atendimento a Vítimas de Violência. Sua perda é irreparável. Roberto partiu e ficamos com o grande vazio de sua presença, de sua força e de sua ética. Só podemos agradecer ter tido a honra de conviver com alguém tão excepcional. Sua imagem está agora conosco como exemplo de um professor e amigo amado. Com muito esforço, tentaremos dar continuidade a tantas sementes que plantou e com muita gratidão, seguiremos seu exemplo.

*Profa. Denise Ramos*

A princípio não estava muito aberta a Roberto o que durou muito pouco pois sua gentileza e já inúmeras vezes referido sorriso me desarmou. Depois tivemos uma conversa sobre sua imensa disponibilidade para o curso. Passamos a nos encontrar com frequência na secretaria, nas reuniões de departamento, no conselho da revista. Ele passou a ser parte da Puc. Uma conhecida aluna da faculdade de onde ele veio lamentou a sua saída. Para ela ele fazia muita diferença na instituição em que trabalhava. Durante sua doença falamos muitas vezes. Em algumas destas vezes era ele procurando saber como eu estava. Ainda com dores e sob o efeito do tratamento ele conservava seu modo gentil e carinhoso. Num momento de tanta dureza e agressividade ele fará muita falta. Profa. Márcia A Batista.

Há alguns anos atrás tive uma boa surpresa em uma turma do curso de extensão na Cogear do qual eu participava: Roberto Garcia foi um dos alunos. Obviamente destacou-se no grupo de quase 40, pela participação consistente, pela gentileza no trato com os colegas, pelo sorriso no rosto. Lembro de ter me questionado por que alguém com uma formação visivelmente sólida e relativamente longa estaria fazendo um curso de extensão. Fui entender posteriormente, quando Roberto tornou-se nosso colega no Departamento de Teorias e Práticas Clínicas do Curso de Psicologia: ele permanecia curioso, humilde e profundamente aberto para novos pensamentos e novas questões da Psicologia, em constante ampliação de seus conhecimentos, o que pude ver em ocasiões que estivemos juntos. Sua gentileza também permaneceu intocada, tornava doce qualquer pedido seu. Do seu belo sorriso guardo lembrança, e imagino que outros colegas também, já que Roberto sempre sorria. Sua passagem no Curso de Psicologia foi breve, mas as marcas são intensas, boas e duradouras.

*Profa. Paula Peron*

Há pessoas que passam em nossas vidas como cometas iluminados; quem viu, se encanta. Roberto tinha uma presença bela, elegante e acolhedora. Cativava com seu sorriso franco e riso espontâneo, olhos vivazes e curiosos, seriedade grave sem atropelos. Num mundo em que se fala demais o que não importa, ele media as palavras supérfluas, empolgado, entretanto, quando debatia ideias, projetos. De argúcia clínica exemplar, a transportava para a pesquisa, a qual somente lhe interessaria se visse nela uma relevância inovadora em busca de bem estar, de alívio de sofrimento; a psicanálise à serviço de recomposição de pessoas e da sociedade. Assim também entendia sua função de professor, rodeado de alunos e de alunas lhes transmitia com afeto o entusiasmo pela psicologia. Um termo em desuso lhe cabia: galhardia; enfrentou a doença com coragem, queria viver, entretanto a morte no horizonte não lhe tirava o afeto, a lucidez, o amor e a esperança. Precisávamos dele, nos deixou esvaziados e, assim como almejamos vislumbrar cometas, a passagem de Roberto nos preenche com tudo que ele foi, que mostrou ser possível, afirmando a existência.

*Profa. Liliana Liviano Wahba*

Falar do Roberto é fácil. Ele fala por si. Roberto era homem de caráter, postura firme, convicções fortes. Extremamente determinado, sabia o que queria, e defendia tenazmente seu ponto de vista. Quando se dispunha a realizar algo, ou, incumbido de alguma tarefa, dedicava-se sem limites, e por vezes, até exagerado no cumprimento de tarefas.

Era assim também na conduta da vida, nos sentimentos.... exagerado.... sem meio-termo. Dizia de si mesmo: “sou exagerado”. Excedia-se. Ou gostava, ou não gostava.... fosse o que fosse. Sem meio-termo. Ao mesmo tempo, era reservado. Não se expunha com facilidade. Guardava para si sua personalidade.... a intimidade era para poucos. Para dividir, só com confiança prévia. Não era de aproximação pessoal gratuita. Calado, daqueles que pensam antes no que falava. Estudava as pessoas, talvez pela própria vocação seguida, a psicologia. Na profissão, dono de grande conhecimento técnico, convencia, tinha credibilidade.

Roberto era um apaixonado. Muito movido pela paixão. Sem essa, não haveria, com ele, envolvimento... fosse por pessoas, lugares, ideias, trabalho, etc. Amava animais, principalmente gatos. Tinha quatro, e oito cachorros. Gostava da vida livre, do ar livre, morava num sítio. E amava comer, e comer bem. Boa comida. Farta. E de compartilhá-la com amigos, que não eram muitos em número. Prestigiava a qualidade das pessoas, não a quantidade.

Homem de coração generoso, altruísta, preocupado com o próximo. Mas o fazia de modo discreto.

Tinha em Deus seu alicerce, era religioso, e, de novo, também nisso, discreto.

Enfrentou a doença de frente. Jamais reclamou. Nunca. Decidiu desde o começo olhar nos olhos da morte. Enfrentá-la. Desespero não houve. Nem lamentos. Ao invés de perguntar, “porquê comigo”, dizia: “por que não comigo também?”

Prático que era, colocou a vida em ordem, organizou a vida, alinhou-se com pessoas, pacificou-se com quem precisava. Suas últimas palavras, ditas no leito do hospital, escancara a pessoa que era. Disse: “está tudo bem, está tudo bem”, e orando disse: “Deus, não se preocupe comigo, mas cuida de todos os doentes deste hospital”. E assim, em paz, nos deixou.

*Edson Otto*